

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE ARTES E LETRAS
CURSO DE BACHARELADO EM LETRAS – PORTUGUÊS/
LITERATURAS

Martiele Leal Cassal

**MARIA FIRMINA DOS REIS ALÉM DA ESTEREOTIPIA:
AS PERSONAGENS ESCRAVIZADAS EM *ÚRSULA* (1859)**

Santa Maria, RS

2023

Martiele Leal Cassal

**MARIA FIRMINA DOS REIS ALÉM DA ESTEREOTIPIA:
AS PERSONAGENS ESCRAVIZADAS EM *ÚRSULA* (1859)**

Trabalho de Conclusão, apresentado ao curso de Letras – Português/ Literaturas, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito para a obtenção do título de bacharel em letras.

Orientadora: Prof.^a Dra.^a Renata Farias de Felipe

Santa Maria, RS

2023

Ninguém te avisou que as mulheres cujos pés foram impedidos de correr dariam à luz filhas com asas.

(Ijeoma Umebinyuo)

RESUMO

MARIA FIRMINA DOS REIS ALÉM DA ESTEREOTIPIA: AS PERSONAGENS ESCRAVIZADAS EM *ÚRSULA* (1859)

AUTOR: Martiele Leal Cassal

ORIENTADORA: Renata Farias de Felipe

O presente trabalho de conclusão de curso trata sobre Maria Firmina dos Reis, escritora negra maranhense e primeira autora a se posicionar contra a escravidão ainda no século XIX. Os objetivos desta pesquisa são: 1) destacar a sua significativa contribuição para a literatura brasileira, realçando o reconhecimento tardio de seu legado; 2) analisar a contundência do posicionamento abolicionista de Reis, buscando entender como os aspectos sociais a influenciaram; 3) examinar o modo como a autora usa a Literatura e a escrita como meio de disseminar os seus ideais. A metodologia deste trabalho consistirá em: a) uma pesquisa bibliográfica baseada na análise de livros, artigos acadêmicos e fontes primárias relacionadas à autora, em especial a biografia *Maria Firmina - Fragmentos de uma vida* (1975) organizada por Nascimento Morais Filho; b) consideração dos argumentos de Candido (1959) e Bosi (1982) sobre o Romantismo brasileiro, com a finalidade de identificar as características românticas em *Úrsula* (1859); c) investigação do meio social que a autora estava inserida, com foco nas desigualdades de gênero e raciais, para entender como esses aspectos podem ter impactado a construção das personagens negras do romance, levando em consideração as ideias apresentadas por Candido em *Literatura e Sociedade* (1965). Como resultado, espera-se reiterar a importância da permanente revisão do cânone, visto que a postura revisionista permite que o projeto identitário da literatura romântica brasileira seja reavaliado e ressignificado.

Palavras-chave: Maria Firmina dos Reis. *Úrsula*. Romantismo brasileiro. Literatura Abolicionista.

ABSTRACT

MARIA FIRMINA DOS REIS BEYOND STEREOTYPE: ENSLAVED CHARACTERS IN *ÚRSULA* (1859)

AUTHOR: Martiele Leal Cassal

ADVISOR: Renata Farias de Felippe

This final course assignment deals with Maria Firmina dos Reis, a black writer from Maranhão and the first author to take a stand against slavery in the 19th century. The objectives of this research are: 1) to highlight her significant contribution to Brazilian literature, highlighting the late recognition of her legacy; 2) to analyze the strength of Reis' abolitionist position, seeking to understand how social aspects influenced same; 3) examine the way in which the author uses Literature and writing as a means of disseminating her ideals. The methodology of this work will consist of: a) a bibliographical research based on the analysis of books, academic articles and primary sources related to the author, in particular the biography, *Maria Firmina - Fragmentos de uma vida* (1975) written by Nascimento Morais Filho; b) consideration of the arguments of Candido (1959) and Bosi (1982) about Brazilian Romanticism, with the purpose of identifying the romantic characteristics in *Úrsula* (1859); c) an investigation of the social environment in which the author was inserted, focusing on gender and racial inequalities to understand how these factors may have impacted the development of the black characters in the novel, taking into account the ideas presented by Candido in *Literatura e Sociedade* (1965). Subsequently, this assignment aims to reiterate the importance of the permanent review of the canon, since the revisionist stance allows the identity project of Brazilian romantic literature to be reevaluated and given new meaning.

Keywords: Maria Firmina dos Reis. *Úrsula*. Brazilian Romanticism. Abolitionist literature.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	5
2	MARIA FIRMINA: SUA OBRA E SEU CONTEXTO	7
3	ASPECTOS SÓCIO-CULTURAIS EM <i>ÚRSULA</i>	12
4	ANÁLISE DO ROMANCE <i>ÚRSULA</i>	18
4.1	ROMANTISMO	18
4.2	<i>ÚRSULA</i>	21
4.3	PECULIARIDADES DO ROMANCE: A CONSTRUÇÃO DE TÚLIO, SUSANA E ANTERO	26
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
	REFERÊNCIAS	36
	ANEXO A – PINTURA A ÓLEO SOBRE TELA DO ARTISTA MARANHENSE LUZINEI ARAÚJO	39

1 INTRODUÇÃO

Maria Firmina dos Reis nasceu na cidade de São Luís, capital do estado do Maranhão, em 11 de março de 1822¹. Atualmente é considerada a primeira escritora negra brasileira e a autora do primeiro romance abolicionista escrito no Brasil, *Úrsula* (1859). Além deste livro, a maranhense ainda escreveu e publicou o conto indianista “Gupeva” (1861), o conto abolicionista “A escrava” (1887), e diversos poemas que foram reunidos no livro *Cantos à beira-mar* (1871). Ela publicou poesia, prosa poética, romance, contos, enigmas e charadas. Reis também foi folclorista e compositora musical, a citar como exemplo o *Hino da libertação dos escravos* e o *Hino à mocidade*. Com relação a sua contribuição para a educação, fundou a primeira escola para crianças de ambos os sexos em 1880, o que, conforme afirmou Nascimento Morais Filho (1975), era “uma revolução social pela educação e uma revolução educacional pelo ensino, o seu pioneirismo subversivo de 1880.” (p. 20). No mesmo ano da abertura da escola, Maria Firmina dos Reis conquistou o primeiro lugar em História da Educação Brasileira, o que lhe valeu o título de Mestra Régia.

Com contribuições importantes em diversas áreas, o esperado é que ela recebesse o devido reconhecimento desde a época de seu surgimento até os dias de hoje; porém a sua obra e a sua história foram, por décadas, ignoradas pela historiografia literária; apenas em 1962 o romance *Úrsula* foi encontrado em um sebo no Rio de Janeiro, e desde então as contribuições da autora vêm sendo estudadas.

A escrita de Maria Firmina dos Reis é marcada por diversas características que a tornam singular, relevante e uma verdadeira pioneira para a nossa literatura. Em primeiro lugar, é importante mencionar que os seus escritos apresentam temas sociais relacionados à escravidão, ao racismo, à condição da mulher e às desigualdades sociais. Em suma, ela se destaca pela preocupação em tratar sobre a realidade dos grupos marginalizados, denunciar as injustiças existentes na sociedade e por se posicionar contra a escravidão.

¹ Na biografia *Maria Firmina - Fragmentos de uma vida* (1975), a qual serviu como base para a retirada de informações sobre a autora, consta que a data de nascimento de Reis seria 11 de outubro de 1825. Porém recentemente foram localizados documentos que contestam essa informação e que propõem que a data verídica do nascimento de Reis seria 11 de março de 1822: “[...] durante as atividades do VIII Seminário Internacional e XVII Seminário Nacional Mulher e Literatura, realizado entre os dias 17 e 20 de setembro de 2017 no Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, a professora Dilercy Aragão Adler (UFMA) tornou pública a informação de que a Firmina, na verdade, não nasceu em 11 de outubro de 1825, mas em 11 de março de 1822. O anúncio foi feito em 19 de setembro de 2017, com base em novas fontes documentais que foram encontradas no Arquivo Público do Estado do Maranhão, para todos os presentes durante a realização da mesa ‘Maria Firmina dos Reis: centenário de uma precursora’ [...]” (ZIN, 2018, p. 246).

Além disso, a escrita de Reis é fortemente influenciada pelo movimento literário Romantismo, o que pode ser comprovado ao observarmos a linguagem poética, as descrições detalhadas, a exploração dos sentimentos e das emoções das personagens. Maria Firmina dos Reis aborda um tema espinhoso para a sociedade brasileira, a escravidão, evidenciando as condições precárias às quais os escravizados eram submetidos. Ela também dá destaque à cultura e à história africana em seus escritos, promovendo a valorização dessa herança e a quebra de estereótipos negativos associados aos negros. Com base nestas informações, fica evidente que a obra de Maria Firmina dos Reis contribuiu para a literatura brasileira ao abordar questões sociais e raciais e valorizar a perspectiva das mulheres em um período em que essas vozes eram frequentemente silenciadas.

Os objetivos desta pesquisa abrangem uma série de aspectos que se interligam, todos eles direcionados a uma compreensão mais profunda e uma apreciação do trabalho desta figura literária notável que foi Maria Firmina dos Reis. Em primeiro lugar, pretendemos evidenciar a sua significativa contribuição para a literatura brasileira, buscando ressaltar o reconhecimento tardio de seu legado. O segundo objetivo é analisar a contundência do posicionamento abolicionista expresso pela autora em sua obra, buscando compreender os aspectos sociais que a influenciaram com base em *Literatura e Sociedade* (1965), de Antonio Candido; isso inclui uma avaliação da profundidade de seu compromisso com a causa, bem como a análise das estratégias literárias que ela empregou para disseminar seus princípios abolicionistas. Por último, outro aspecto crucial desta pesquisa é o estudo do uso da Literatura como ferramenta para a autora propagar seus ideais. Este terceiro objetivo se concentra em identificar e analisar como a autora incorporou os elementos românticos em sua escrita para persuadir e impactar o público. Sendo assim, esta pesquisa visa fornecer uma análise abrangente da contribuição literária da autora para a literatura brasileira, explorar a força de seu compromisso com a luta abolicionista e investigar o uso criativo do Romantismo como uma ferramenta para disseminar seus ideais.

O trabalho foi dividido em cinco tópicos que visam a organização e a facilidade de acesso do conteúdo por parte dos leitores. No tópico intitulado “Maria Firmina: sua obra e contexto” apresentaremos um breve resumo sobre a autora, com o intuito de destacar sua contribuição para a literatura, evidenciar o seu reconhecimento tardio e ressignificar o seu papel na historiografia. No tópico seguinte, “Aspectos sociais na obra”, abordaremos a respeito dos fatores sócio-culturais que influenciaram a sua escrita, com base no conteúdo de *Literatura e Sociedade* (1965), de Antonio Candido, e a respeito da importância da mulher negra na sociedade brasileira, com seus diferentes modos de resistência na sociedade do século XIX,

tendo como base os pensamentos de Lélia Gonzalez em *Por um feminismo afro-latino-americano* (2020). Logo após, o tópico intitulado “Análise do romance *Úrsula*” será dividido em três seções: 4.1: Romantismo, 4.2: *Úrsula* e 4.3: Peculiaridades do Romance: a construção de Túlio, Susana e Antero. Neste tópico, faremos um breve resumo do Romantismo e do livro, contextualizando o estilo literário, bem como os personagens e o enredo, dando ênfase para a construção das personagens negras e nas suas peculiaridades. No último tópico, “Considerações finais” iremos recapitular os aspectos mais importantes que foram construídos neste trabalho, com o intuito de ressaltar a importância destas questões. Por último, iremos expor os resultados que esperamos com a produção deste trabalho.

2 MARIA FIRMINA: SUA OBRA E SEU CONTEXTO

Maria Firmina dos Reis é considerada a primeira escritora negra do Brasil, além de ser a primeira escritora a se posicionar contra a escravidão ainda no século XIX, antes mesmo de Castro Alves. Sua escrita é marcada por diversas características que a tornam uma verdadeira pioneira para a literatura brasileira, com destaque para o seu romance intitulado *Úrsula* (1859), no qual a autora aborda temas sociais relacionados à condição da mulher e do negro na sociedade brasileira do século XIX. É plausível inferir que a escrita de Maria Firmina dos Reis é relevante pela sua preocupação em tratar sobre a realidade de grupos marginalizados, por denunciar as injustiças existentes na sociedade e por se posicionar abertamente contra a prática escravista. Reis, enquanto mulher negra em um país onde a escravidão ainda era presente, conseguiu superar as diversas barreiras sociais existentes na época, sendo “lida e aplaudida no seu tempo” (FILHO, 1975, p. 21). Essa fala se confirma quando observamos os feitos da autora no século XIX: a publicação de um romance inaugural em formato de livro e a circulação de diversos outros textos de sua autoria em um curto espaço de tempo e em diferentes veículos de divulgação. Rafael Balseiro Zin (2016) evidencia que:

Suas publicações chamam a atenção de leitores e repercutem nos meios intelectuais, o que nos leva a crer que a autora já era reconhecida, admirada e apreciada por seus escritos e pela ousadia de pensar e realizar coisas, considerando o contexto, não muito comuns a uma mulher negra e de poucos recursos, vivendo distante dos perímetros da Corte. (p. 87).

Até o presente momento, não há nenhum registro fotográfico, pintura ou desenho que represente fielmente a aparência que Reis possuía, o que abre espaço para que a sua imagem

seja retratada, frequentemente, de forma embranquecida, e, por diversas vezes, a partir de imagens que não reproduzem a sua correta fisionomia². De acordo com Zin, inclusive:

[...] a fabricação do esquecimento que incidiu sobre a memória das nossas escritoras fez com que a representação de suas semblantes ficasse de fora da historiografia literária nacional ou, quando raramente acontecia, a forma com que se dava era, comumente, distorcida. Dos excessos no carregamento do traço utilizado para reforçar, de modo pejorativo, suas linhas expressivas à constante utilização de imagens embranquecidas, muitas foram as estratégias adotadas pelas elites para ferir o caráter simbólico das escritoras negras no país e para desqualificar sua produção. (2016, p. 84-85).

O mais próximo que temos de sua verdadeira imagem é uma breve descrição de sua aparência, disponível em *Maria Firmina - Fragmentos de uma vida*, baseada em depoimentos de Nhazinha Goulart³ e de Eurídice Barbosa⁴, de quando ela estava por volta dos 85 anos de idade: “Rosto arredondado, cabelo crespo, grisalho, fino, curto, amarrado na altura da nuca; olhos castanho-escuros; nariz curto e grosso; lábios finos; mãos e pés pequenos; mea (1,58, pouco mais ou menos), morena.” (NASCIMENTO, 1975, paginação irregular). Naturalmente, muitas pinturas e muitos desenhos foram criados a partir desta breve descrição, na esperança de construir uma imagem para a autora. Como exemplo, cito a pintura a óleo sobre tela do artista plástico maranhense Luzinei Araújo, feita entre 2019 e 2020, e que atualmente pertence ao Instituto Histórico Artístico e Geográfico de Guimarães - MA.

Dessa maneira, há um silenciamento tanto pela imagem - visto que não existe registro fotográfico de Maria Firmina, embora esta seja uma figura importante na literatura - quanto por parte da historiografia tradicional no que diz respeito à sua obra, o que pode ser exemplificado em a *Formação da literatura brasileira* (1959), de Antonio Candido. O crítico possui um trabalho importante referente ao Romantismo, mas em nenhum momento cita a escritora - ainda que mencione vários autores, segundo ele, “menores”. Conforme aponta Nascimento:

Maria Firmina dos Reis (desnecessário anotar-se) não foi uma realidade literária, mas uma indiscutível vocação literária frustrada. Se ressaltar esta observação, embora baseado em fragmento, não é para justificar a sua deficiência, mas para evidenciar o seu mérito, que se sobressai, pesando se a triste condição social e cultural da mulher

² Ao fazer uma rápida pesquisa sobre Maria Firmina dos Reis, é comum encontrarmos o retrato da escritora gaúcha Maria Benedita Bormann (1853) equivocadamente tratado como se fosse de Maria Firmina. “De cor branca e sendo neta de Guilherme Bormann, um alemão da cidade de Hanôver, Maria Benedita Bormann, até onde se pode supor, era bastante diferente de Maria Firmina, que era negra.” (ZIN, 2016, p. 91) Não se sabe como ou quando este erro surgiu, mas essa informação acabou sendo disseminada de tal forma na internet, que a reparação desse equívoco se tornou um tanto difícil de ser realizada.

³ Filha adotiva de Maria Firmina, a qual foi criada por ela até os 15 anos de idade, em conformidade com as informações que constam na biografia da autora.

⁴ Ainda segundo Nascimento, Eurídice foi aluna de Maria Firmina na escola mista de Maçaricó.

no seu tempo, e mais ainda se se considerar que em nossa literatura não se poderá apontar uma realidade literária, no sentido profundo da palavra (os que consagramos como tais, são no mais pela grandeza do talento que pela obra realizada) no passado ou no presente. (1975, paginação irregular).

Neste momento, cabe mencionar o artigo “Centro e Margens: notas sobre a historiografia literária”, de Rita Terezinha Schmidt, no qual ela defende a adoção de um viés revisionista pela crítica historiográfica. No referenciado texto, a autora salienta a importância de estudar obras de autoria feminina que, excluídas do campo literário há tanto tempo, completam uma lacuna existente na história literária, que durante um longo período acreditou-se já estar completa. Além disso, esses textos transformam interpretações e significados que foram construídos pelas obras canônicas escritas exclusivamente por homens, e que foram mantidas por séculos. Ela ainda argumenta que seguir por esse caminho pode promover uma transformação da cultura e literatura nacional, mudando o imaginário social a respeito de questões de identidade e tradição instauradas na sociedade.

Lamentavelmente, Maria Firmina dos Reis não recebeu o devido reconhecimento, mesmo com as suas valiosas contribuições; a obra e a história da autora ficaram durante décadas apagadas do âmbito da crítica historiográfica. Apenas em 1962 o romance *Úrsula* foi encontrado em um sebo no Rio de Janeiro por Horácio de Almeida, que depois de realizar uma pesquisa, identificou o pseudônimo da romancista maranhense e fez uma fac-similar do texto. No prólogo da referenciada edição, Horácio salienta a ausência da escritora nos estudos críticos dedicados à literatura maranhense. O único autor a mencioná-la foi Sacramento Blake no sexto volume do *Diccionario bibliographico brasileiro*⁵, com o seguinte verbete:

D. Maria Firmina dos Reis – Filha de João Pedro Esteves e dona Leonor Felipa dos Reis, nasceu na cidade de S. Luiz do Maranhão a 11 de outubro de 1825. Dedicando-se ao magistério, regeu a cadeira de primeiras letras de S. José de Guimarães, desde agosto de 1847 até março de 1881, quando foi aposentada. Em 1880 fundou uma aula mista em Maçarico, termo de Guimarães, cujo ensino era gratuito para quase todos os alunos, e por isso foi a professora obrigada a suspendê-la depois de dois anos e meio. Cultiva a poesia, e tanto em verso, como em prosa escreveu algumas obras, de que as mais conhecidas são:

- Cantos à beira-mar: poesias. S. Luis...
- Úrsula: romance. S. Luis...
- A escrava: romance. S. Luis... (1900, 232).

⁵ Apresenta a biografia de cada autor e as obras por ele produzidas. A introdução narra os primórdios da tipografia no Brasil e o nascedouro das primeiras sociedades literárias no país. A obra tornou-se famosa e muito respeitada. Recebeu crítica quanto a ordem de entrada dos autores pelo prenome, costume de época. O autor colaborou em O Ateneu, O Mosaico, Anais Brasileiros de Medicina e Revista do IHGB. (informação retirada do site senado federal)

Dessa forma, é razoável afirmar que os pesquisadores Horacio de Oliveira e José Nascimento Morais Filho tiveram um papel crucial no resgate da história de Maria Firmina dos Reis, o que possibilitou os estudos posteriores de outros pesquisadores, tais como os de Luiza Lobo, Eduardo Assis Duarte e Zahidé Lupinacci Muzart. A expansão desses estudos após a década de 70, conforme apontam Cuti e Muzart, se deve a dois principais fatores: O surgimento do movimento negro e o surgimento de linhas de pesquisas dedicadas ao estudo de escritoras do século XIX:

[...] é com o surgimento de leitores negros no horizonte de expectativa do escritor, bem como de uma crítica com tal característica, que haverá um entusiasmo para que a vertente negra da literatura brasileira se descongele da omissão ou do receio de dizer a sua subjetividade. Um marco importante para isso se deu no final da década de 1970 do século XX, mais precisamente no ano de 1978, nas escadarias do Teatro Municipal de São Paulo; surgia o Movimento Negro Unificado contra Discriminação Racial, cuja sigla logo passou de MNCDR para tão somente MNU – Movimento Negro Unificado. Esse evento histórico dinamizou as entidades. No bojo de toda essa movimentação social que gerou, no mesmo ano, ocorre o lançamento da série Cadernos Negros. (CUTI, 2010, p. 28).

Hoje, em virtude do Movimento Negro, há um renascimento dos estudos sobre a narrativa de Maria Firmina, mas isso também se deve à linha de pesquisa “Mulher e literatura” do Grupo de Trabalho “A mulher na literatura”, da ANPOLL (Associação Nacional de Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Lingüística), que realizou um trabalho de resgate importante em torno das escritoras do século XIX. Ao lado do crescimento de associações negras, organizações não-governamentais (ONG’s) e movimentos de resistência, há também o aparecimento de uma intelectualidade negra e o surgimento de periódicos e livros que vão fazendo surgir a produção literária dessa intelectualidade. (MUZART, 2013, p. 250).

Por conseguinte, ressaltamos que as influências desses fatores desempenharam um papel significativo no avanço de uma crítica literária que desafiava o padrão de gênero, etnia e classe social presente no cânone literário. Essa uniformidade, que por muito tempo prejudicou o reconhecimento das vozes de grupos minoritários, resultou na falta de representação desses grupos na historiografia literária.

Voltando à Maria Firmina dos Reis e à sua contribuição como escritora, é pertinente tratar de algumas questões relacionadas à sua escrita: narrativa marcada pela linguagem poética e por descrições detalhadas; intensa exploração dos sentimentos e das emoções das personagens; e tramas amorosas carregadas de enredos dramáticos⁶.

No que se refere aos temas tratados por Reis, a autora destaca em seus escritos a cultura e a história africanas, o que promove a valorização dessa herança e a quebra de estereótipos

⁶ Saliento em *Úrsula* a presença desta característica em particular, uma vez que o romance aborda temas como a morte, o incesto, a escravidão, e possui uma gama de reviravoltas amorosas.

negativos associados aos negros. Outro aspecto interessante é a presença de personagens negros escravizados que possuem voz e opinião dentro da narrativa: “Não é a primeira vez que um/a autor/a inclui escravos negros em sua narrativa, mas é a primeira vez em que os negros têm voz. Essa voz trará uma África desconhecida do branco da Corte, como um continente de liberdade.” (MUZART, 2013, p. 256). Logo, essa característica em particular demonstra seu pioneirismo ao abordar um aspecto que foi no mínimo pouco ou em nenhum momento abordado pelos autores da época.

Cabe destacar que os autores do mesmo período que Reis, que escreviam sobre a abolição da escravidão, não abordavam o tema da mesma forma que ela, como nos revela Muzart:

A questão da Abolição vai ser quase um leit-motiv⁷ da pena feminina e isso tanto no Brasil como em outros países. Na França, por exemplo, com Olympe de Gouges, Germaine de Staël, la duchesse de Duras, Marceline Desbordes-Valmore e, na Inglaterra, com Aphra Behn – todas escritoras brancas e da classe alta. Somente com *Úrsula* teremos uma visão diferente do problema. (2013, p. 255).

Isto significa que por mais que as referenciadas escritoras abordassem o tema em suas criações, elas não conseguiam expressá-lo da mesma forma que Maria Firmina dos Reis, pois, de acordo com Cuti (2010), “A produção literária de negros e brancos, abordando as questões atinentes às relações inter-raciais, tem vieses diferentes por conta da subjetividade que a sustenta, em outras palavras, pelo lugar socioideológico de onde esses produzem.” (p. 32) Sendo assim, podemos dizer que a autora não só deu voz aos silenciados, como tratou a problemática da escravidão a partir de sua perspectiva negra e feminina. Assim:

[...] mais do que precursora, foi a representante maior de um gênero quase desconhecido no país, o da literatura abolicionista, que expunha os horrores da escravidão sem transferir para as costas dos escravos e escravas todos os males das sociedades escravistas. (MACHADO, 2019, p. 94).

Na apresentação de Maria Firmina dos Reis na edição de *Úrsula* de 2018, Danglei de Castro Pereira afirma que, no que se refere à abordagem desses temas - a questão da mulher e do racismo na sociedade brasileira - dentro da literatura brasileira:

Naturalmente, ela não foi a única voz a tratar da escravidão, do sexismo e do racismo como temas literários no país: o mesmo fizeram, entre tantos outros, Machado de

⁷ O termo *leit-motiv*, de origem alemã, significa “motivo condutor” ou “motivo principal”. É uma técnica utilizada na música, literatura e cinema para representar um personagem, ideia ou emoção específica através de um tema recorrente.

Assis, Castro Alves e, na transição para o século XX, Cruz e Souza e Lima Barreto. Foi, no entanto, uma voz feminina de resistência, e, por isso, a leitura de sua obra contribui para que os leitores encontrem fontes de tensão social na literatura nacional em meados do século XIX. (p. 9).

Conforme apontou Machado (2019), a literatura abolicionista no Brasil é tardia, visto que antes de 1850, autores e personagens negros eram escassos, e, quando representados, eram muito pouco aprofundados. A partir de 1850 essa perspectiva muda, e a literatura romântica começa a apresentar personagens negros, porém carregados de estereótipos negativos. Para exemplificar, trago alguns dos estereótipos apresentados por Domício Proença Filho no artigo “A trajetória do negro na literatura brasileira” (2004): o escravo nobre, que “vence por força de seu branqueamento, embora a custo de muito sacrifício e humilhação. É o caso da escrava Isaura, do livro do mesmo nome, escrito por Bernardo Guimarães e publicado em 1872 [...]” (p. 162); o negro infantilizado, serviçal e subalterno, que “[...] permanece, associado à animalização, na figura da Bertoleza, do romance *O cortiço* (1900), de Aluísio Azevedo [...]” (ibidem, p. 165); e o negro erotizado, que “[...] é uma presença que vem desde a Rita Baiana, do citado *O cortiço* [...]” (ibidem, p. 166). Já em *Úrsula*, segundo Machado, Maria Firmina dos Reis:

[...] comete ainda um atentado maior aos cânones literários do momento, ao elevar escravos/as ao status de personagens densos, atravessados por subjetividade, capazes de expressar de maneira orgânica uma reflexão sobre a escravidão, com seu cortejo de injustiças. O romance, certamente, se opõe de maneira muito clara ao padrão da literatura abolicionista que apareceu no Brasil nas décadas seguintes (MACHADO, 2019, p. 99).

Ao tratar sobre os temas abordados pela autora em sua obra, é interessante analisar a contundência do seu posicionamento abolicionista. Levantamos o seguinte questionamento: por que Maria Firmina dos Reis, pertencente ao período oitocentista e inserida numa sociedade altamente escravocrata e patriarcal, se preocupou em dar voz à realidade de indivíduos que estavam tão à margem da sociedade?

Para responder a esta questão, pontuamos que é necessário analisar os aspectos sociais que envolvem a vida da escritora, e para tal, utilizaremos de *Literatura e Sociedade* (1965), de Antonio Candido, conforme veremos no próximo tópico.

3 ASPECTOS SÓCIO-CULTURAIS EM *ÚRSULA*

Em *Literatura e Sociedade*⁸, Candido evidencia que a sociologia moderna se interessa em analisar os tipos de relações e os fatos estruturais ligados à vida artística. Sendo assim:

[...] a primeira tarefa é investigar as influências concretas exercidas pelos fatores socioculturais. É difícil discriminá-los, na sua quantidade e variedade, mas pode-se dizer que os mais decisivos se ligam à estrutura social, aos valores e ideologias, às técnicas de comunicação (2006, p. 30).

Dessa forma, o autor destaca que o primeiro passo para compreender essa relação entre literatura e sociedade é examinar de forma detalhada como os citados elementos socioculturais afetam a produção artística, analisando as maneiras pelas quais a sociedade - e seus derivados como cultura, estrutura e valores - influenciam o objeto criado por essa produção.

Convém, antes de tudo, contextualizar individualmente os elementos citados acima.

1. A estrutura social refere-se à organização da sociedade em termos de classes sociais, grupos, hierarquias e relações de poder. Ela descreve como os indivíduos estão interconectados e organizados dentro de uma sociedade, influencia em quem tem oportunidade e poder dentro dela, e materializa a distribuição de recursos – no caso brasileiro, de forma desigual.
2. Os valores e ideologias envolvem as crenças, valores e ideias que predominam em uma sociedade em um determinado momento. Eles podem influenciar os temas escolhidos pelos artistas e a maneira como esses temas são tratados em suas obras.
3. Por último, as técnicas de comunicação se referem às formas como a informação e a arte são transmitidas na sociedade, como através dos livros, das redes sociais, dentre outras mídias. Essas técnicas moldam a maneira como as obras artísticas são disseminadas.

O autor ainda sugere que esses fatores variam conforme o aspecto que consideramos ao avaliar o processo artístico:

Assim, os primeiros se manifestam mais visivelmente na definição da posição social do artista, ou na configuração de grupos receptores; os segundos, na forma e conteúdo da obra; os terceiros, na sua fatura e transmissão. Eles marcam, em todo o caso, os quatro momentos da produção, pois: a) o artista, sob o impulso de uma necessidade interior, orienta-o segundo os padrões da sua época, b) escolhe certos temas, c) usa certas formas e d) a síntese resultante age sobre o meio. (2006, p. 30).

⁸ Apesar de não ter referenciado Maria Firmina dos Reis em *Formação da Literatura Brasileira*, os argumentos de Candido em *Literatura e Sociedade* são úteis para pensarmos a escritora como sujeito social.

Para entender melhor este trecho, é necessário avaliá-lo por partes:

1. iniciando com a análise dos fatores socioculturais relacionados à estrutura social e à configuração de grupos receptores, podemos dizer que estes se manifestam mais visivelmente na definição da posição social do artista, o que significa que o status social e as suas conexões podem influenciar quem tem acesso à sua obra e como ela é percebida pela sociedade.
2. No que se refere aos valores socioculturais e à ideologia, pode-se dizer que eles afetam a forma e o conteúdo da obra; isso implica que os temas abordados pelo artista e a maneira como são tratados refletem as crenças e os valores predominantes na sociedade em que ele vive.
3. Por último, as técnicas de comunicação socioculturais influenciam na transmissão da obra, o que significa que a forma como ela é escrita, produzida, publicada e compartilhada com o público é moldada pelas práticas de comunicação de sua época.

Candido conclui que esses fatores socioculturais marcam os quatro momentos da produção artística: a motivação do artista (orientação segundo os padrões da época), a escolha de temas, o uso de formas artísticas e a influência resultante da obra sobre a sociedade (impacto sobre o meio).

Após a concisa explicação das ideias apresentadas por Candido acerca da ligação entre a literatura e a sociedade, é pertinente retornarmos à Maria Firmina dos Reis e às motivações que a instigaram a inserir a literatura abolicionista em sua produção literária.

Em primeiro lugar, sendo uma mulher negra e pobre em uma sociedade profundamente marcada pela escravidão e pelo racismo, sua posição social e étnica influenciou a sua visão de mundo e a sua escrita, visto que Reis foi testemunha das injustiças e do sofrimento dos escravizados. Além disso, é interessante analisar o ambiente no qual a autora estava inserida e com quais indivíduos ela possuía convívio. Em meio a sua obra literária, Maria Firmina dos Reis deixou um álbum de recordações em forma de diário, com a primeira escrita em 1853 e a última em 1903. O álbum foi organizado e publicado por Nascimento Moraes na biografia da autora, em 1975. Na referenciada biografia, Leude Guimarães, um filho adotivo de Maria Firmina, conta a Nascimento que uma parte dos manuscritos foram perdidos:

Quando vim para São Luís, depois de sua morte, trouxe muitos manuscritos seus. Eram cadernos com romances e poesias e um álbum onde havia muita coisa de sua vida e da nossa família. Mas os ladrões, um dia, entraram no quarto do hotel onde estava hospedado, arrombaram o baú, e levaram tudo o que nele havia. Só me

deixaram, de recordação, os restos desse álbum, que encontrei pelo chão! (1975, p. 211).

O que se salvou do furto⁹ foi recolhido e organizado por Nascimento. O “Álbum” composto por pequenos textos, apesar de possuir caráter íntimo e pessoal, nos possibilita ter uma visão mais ampla da vivência de Reis, o que nos ajudará a entrever a estrutura na qual a autora estava inserida. No “Álbum”, parte de *Maria Firmina - Fragmentos de uma vida* (1975), um texto em particular se destaca, intitulado “Resumo de minha vida”, do qual destacamos o fragmento a seguir:

De uma compleição débil e acanhada, eu não podia deixar de ser uma criatura frágil, tímida, e por conseqüência melancólica: uma espécie de educação freirática, veio dar remate a estas disposições naturais. **Encerrada na casa materna**, eu só conhecia o céu, as estrelas e as flores, que **minha avó** cultivava com esmero; talvez por isso eu tanto amei as flores; foram elas o meu primeiro amor. **Minha irmã, minha terna irmã, e uma prima querida**, foram as minhas únicas amigas de infância; e nos seus seios eu derramava meus melancólicos e infantis queixumes; por ventura sem causa, mas já bem profundos. [...] (ibidem, p.154-155, grifo nosso).

Nesta passagem, podemos perceber que o núcleo familiar de Maria Firmina dos Reis durante o seu crescimento era essencialmente matriarcal: “a casa não é paterna mas materna, ela não fala de nenhum homem, nem pai, nem avô nem irmãos, mas da avó, que cultivava flores e da irmã e da prima, amigas de infância [...]” (MUZART, 2013, p. 252). Sendo assim, é possível constatar que a autora cresceu em um ambiente de mulheres negras; ela ouvia histórias de sua avó, de sua mãe, de mulheres que passaram pelo cativo e foram vítimas da escravidão, bem como daquelas que haviam conquistado a liberdade. Ela sabia tanto sobre as belezas quanto sobre os dissabores que fizeram (e ainda fazem) parte das experiências e das vivências das mulheres negras brasileiras. Segundo Ana Lúcia da Silva (2023):

Ao fazer a leitura desses laços familiares e dessas redes que Maria Firmina tinha convivência, é importante percebermos que as vivências do povo negro, além de serem vistas e vivenciadas por Maria Firmina, também foram ouvidas por ela através dessas mulheres que estavam no seu entorno e no seu âmbito familiar. (informação verbal)¹⁰.

⁹ Luiza Lobo (1993 APUD MACHADO, 2019) em seu pioneiro trabalho sobre Maria Firmina, expressa sua descrença em relação ao roubo ter sido o causador da fragmentação do diário. “A hipótese mais pertinente para explicar a situação dos manuscritos íntimos seria mesmo o da censura imposta pela família, zelosa em preservar aspectos privados da vida da autora do diário.” (MACHADO, 2019, p. 100).

¹⁰ Evento Maria Firmina dos Reis: Vida, Obra e Legado, apresentado pela professora Dr^a Ana Lúcia da Silva, organizado pelo Coletivo Redes em Movimento e o grupo Lélia Gonzalez, com o apoio da Comunidade El Telar e do PPGEDU da FURG, setembro de 2023.

A influência desse fator se torna bastante nítida em *Úrsula*, em particular na construção da personagem Susana e na sua fala emblemática no romance, conforme veremos nos próximos tópicos.

Partindo para o segundo fator sociocultural, a ficção da autora também reflete os valores e ideologias da época, especialmente no que diz respeito à luta contra a escravidão. Ela foi uma voz ativa na defesa dos direitos dos negros e das mulheres. Sendo assim, seus valores humanitários e seu compromisso com a justiça social podem ser evidenciados neste episódio contado por Nhazinha Goulart e descrito na biografia, que conforme aponta Nascimento, é ao mesmo tempo um traço forte do seu sentimento humano e uma posição política:

Orgulhosa com a vitória de Maria Firmina, Dona Leonor Reis, sua mãe, resolveu alugar um palanquim, para que sua filha como carregada em triunfo, pelas ruas de São Luís, fosse nele receber o seu “diploma” (?) ou o ato de nomeação (?). Opõe-se, irrevogável, a jovem de 22 anos, embora até os próprios escravos de sua tia Henriqueta lhe pedissem com insistência para levá-la de palanquim - “Diliquinha”¹¹, conclui Dona Nhazinha Goulart, foi - não, não e não - e disse já zangada: “Negro não é animal para se andar montado nele!
E foi a pé! (1975, paginação irregular).

Por último, é interessante observarmos o que diz respeito às técnicas de comunicação: no contexto do século XIX, a escrita literária era uma das maneiras mais poderosas de transmitir ideias e mensagens; Maria Firmina dos Reis usou dessa técnica como uma ferramenta para denunciar a escravidão e desafiar estereótipos raciais.

Em vista disso, o contexto social de Reis, marcado pela escravidão, pelo racismo e pelo papel subjugado das mulheres, teve uma influência profunda em sua criação literária. Ela usou da escrita como uma forma de resistência e de expressão através da sua perspectiva, contribuindo de forma significativa para a literatura brasileira e para a luta abolicionista.

Ao pensarmos na escrita de Reis como forma de resistência, convém acrescentarmos os pensamentos de Lélia Gonzalez no que diz respeito à importância da mulher negra na sociedade brasileira. Em *Por um feminismo afro-latino-americano* (2020), mais especificamente no capítulo intitulado “A mulher negra na sociedade brasileira: uma abordagem político-econômica”, a autora explora a história da escravidão no Brasil, com ênfase na situação das mulheres negras. Ela contextualiza o início do tráfico de escravizados africanos para o Brasil em 1550 e destaca como, no final do século XVI, os escravos já constituíam a maioria da população na colônia portuguesa.

¹¹ Assim chamavam Maria Firmina em casa, e os íntimos.” (FILHO, 1975, paginação irregular).

No contexto de nossa análise, merece destaque a abordagem da autora que desmistifica a ideia da "cordialidade"¹² do povo brasileiro. Ela argumenta que essa visão não leva em consideração a verdadeira história da resistência no país, a resistência do povo negro:

Assim como a história do povo brasileiro foi outra, o mesmo acontece com o povo negro especialmente. Ele sempre buscou formas de resistência contra a situação subumana em que foi lançado. De acordo com as informações que obtivemos da historiadora negra Maria Beatriz Nascimento, e já em 1559 se tem notícia da formação dos primeiros quilombos, essas formas alternativas de sociedade, na região das plantações de cana do Nordeste. E os quilombos existiram em todo o país como a contrapartida, o modo de resistência organizada do povo negro contra a superexploração de que era objeto. (GONZALEZ, 2020, p. 50-51).

Logo após apresentar o contexto da escravidão, Gonzalez ainda aborda mais especificamente sobre a situação das mulheres negras escravizadas, destacando que muitas delas desempenharam papéis fundamentais na resistência, seja iniciando revoltas, seja encorajando fugas:

[...] quem precipitou a eclosão da Revolta dos Malês, obrigando seus participantes a se lançarem na luta antes da data marcada, foi uma mulher. [...] Enquanto escrava do eito, ninguém melhor do que a mulher para estimular seus companheiros para a fuga ou a revolta — trabalhando de sol a sol, subalimentada e, muitas vezes, cometendo o suicídio para que o filho que trazia no ventre não tivesse o mesmo destino que ela. (2020, p. 53).

A autora também sugere que a representação da figura da mãe preta como exemplo de integração e harmonia social, difundida pela ideologia predominante, não pode ser comprovada. Gonzalez questiona essa concepção, destacando que ela não condiz com a realidade, visto que essa visão

Representariam o negro acomodado, que passivamente aceitou a escravidão e a ela correspondeu segundo a maneira cristã, oferecendo a outra face ao inimigo. Entretanto, não aceitamos tais estereótipos como reflexos “fiéis” de uma realidade vivida com tanta dor e humilhação. Não podemos deixar de levar em consideração que existem variações quanto às formas de resistência. (2020, p. 54).

Para Gonzalez, a figura da mãe preta seria um exemplo de resistência passiva, visto que com suas histórias transmitidas oralmente, elas tiveram um papel fundamental na formação dos valores e das crenças do povo, apesar do racismo e das práticas discriminatórias enfrentadas

¹² Segundo Holanda (1936), a cordialidade, onipresente na cultura brasileira, estaria ligada às ideias de espontaneidade e de sentimento, e seria o contrário da polidez, esta, definida como uma “organização de defesa ante a sociedade” (1995, p. 47).

pela população negra. “Mais precisamente, coube à mãe preta, enquanto sujeito suposto saber, a africanização do português falado no Brasil (o “pretuguês”, como dizem os africanos lusófonos) e, conseqüentemente, a própria africanização da cultura brasileira.” (2020, p. 54)

Gonzalez enfatiza a importância do papel das mulheres negras na formação da identidade brasileira e nas diferentes formas de resistência exercidas por elas. Ela ainda ressalta o valor que essas mulheres possuem na compreensão de aspectos pouco explorados da realidade cultural do Brasil. Portanto, podemos dizer que Maria Firmina dos Reis, influenciada pelos fatores socioculturais apresentados neste tópico, também teve um importante papel de resistência como mulher negra brasileira, usando de sua escrita para tal.

4 ANÁLISE DO ROMANCE *ÚRSULA*

4.1 Romantismo

Esta seção visa apresentar brevemente as principais características do Romantismo, dando ênfase para a forma como elas se apresentam em *Úrsula*; posteriormente, faremos um breve resumo do romance e analisaremos a construção das personagens negras.

Segundo Cuti em *Literatura negro-brasileira* (2010): “Se a literatura brasileira se firmou a partir do romantismo foi porque havia uma vontade coletiva de escritores e críticos para dar destaque aos elementos que diferenciavam a produção local daquela da metrópole portuguesa.” (p. 32). Dessa forma, podemos dizer que o propósito do movimento era dotar o Brasil de uma literatura equivalente às europeias, que exprimisse de maneira adequada a sua realidade própria, e que fosse, portanto, uma “literatura nacional” (CANDIDO, 2000). Para começar, convém apresentar o contexto histórico do período. Conforme aponta Bosi (1982):

O Brasil, egresso do puro colonialismo, mantém as colunas do poder agrário: o latifúndio, o escravismo, a economia de exportação. E segue a rota da monarquia conservadora após um breve surto de erupções republicanas, amiudadas durante a Regência (p. 77).

Neste momento de autonomia do país, a independência política irá influenciar o referido movimento a desenvolver um certo “espírito patriótico”, pois, com base em Candido: “Manteve-se durante todo o Romantismo este senso de dever patriótico, que levava os escritores não apenas a cantar a sua terra, mas a considerar as suas obras como contribuição ao progresso.” (2000, p. 12.). Também é relevante levarmos em consideração que é durante o Romantismo que surge um novo público leitor, composto por:

[...] filhos de famílias abastadas do campo, que iam receber instrução jurídica, [...] filhos de comerciantes luso-brasileiros e de profissionais liberais, que definiam, grosso modo, a alta classe média do país. Raros os casos de extração humilde na fase romântica [...] (BOSI, 1989, p. 78).

Dessa forma, o Romantismo surge no Brasil no momento em que o jovem país almejava a construção de uma literatura nacional. Nem todas as manifestações do Romantismo brasileiro foram nacionalistas, mas esse viés foi o fio condutor da produção literária de grande parte do século XIX, pois:

Sobretudo nos países novos e nos que adquiriram ou tentaram adquirir independência, o nacionalismo foi manifestação de vida, exaltação afetiva, tomada de consciência, afirmação do próprio contra o imposto. Daí a soberania do tema local e sua decisiva importância em tais países, entre os quais nos enquadrámos. Descrever costumes, paisagens, fatos, sentimentos carregados de sentido nacional, era libertar-se do jugo da literatura clássica, universal, comum a todos, preestabelecida, demasiado abstrata afirmando em contraposição o concreto espontâneo, característico, particular (CANDIDO, 2000, p. 15-16).

Para apresentar as principais características do Romantismo, seguimos ainda com base nas ideias de Candido em *Formação da Literatura Brasileira*. As principais características do referenciado movimento são: individualismo e relativismo, que, de acordo com o autor, podem ser considerados a base da atitude romântica; exaltação da natureza - “o mundo, o cosmos, a natureza física cheia de graça e imprecisão” (2000, p. 23) -; valorização do passado, ou melhor dizendo: “interesse pelos costumes, regiões, passado brasileiro [...]”; apelo religioso - “todos os românticos, com poucas exceções, manifestam um ou outro avatar do sentimento religioso, desde a devoção caracterizada até um vago espírito panteísta.” (ibidem, p.17) -; subjetivismo e sentimentalismo, com “senso de isolamento e uma tendência invencível para os rasgos pessoais, o ímpeto e o próprio desespero” (ibidem, p 23); e por último, idealização e liberdade artística. A última característica citada destaca-se por possibilitar a afirmação do romance, a desobediência às regras clássicas e a mistura de gêneros.

Dentre as características apresentadas acima, algumas se destacam de maneira notável em *Úrsula*. Em primeiro lugar, temos a exaltação da natureza; a extensa descrição do clima e da paisagem presente logo no início do livro é um exemplo:

Depois, mudou-se já a estação; as chuvas desapareceram, e aquele mar, que viste, desapareceu com elas, voltou às nuvens formando as chuvas do seguinte inverno, e o leito, que outrora fora seu, transformou-se em verde e úmido tapete, matizado pelas brilhantes e lindas flores tropicais, cuja fragrância arrouba e só tem por apreciador

algun desgarrado viajor, e por afago a brisa que vem conversar com elas no cair da tarde – à hora derradeira do seu triste viver. (REIS, 1859, p. 14-15).

Ademais, temos a forte ligação da natureza com as personagens e seus sentimentos, conforme aponta do Nascimento (2009): “a sensibilidade humana integrada à natureza a ponto de o canto dos pássaros ondular conforme o ânimo das personagens, ou o tempo da natureza ambientar as ações amorosas ou violentas, tendo a confissão amorosa um clima ameno e o assassinato a noite soturna.” (p. 8), o que pode ser comprovado se observarmos a descrição do ambiente que permeia a declaração amorosa do casal:

À hora em que os pássaros despertam alegres e amorosos, em que o vento mais queixoso cicia por entre as franças das árvores, em que a relva, orvalhada pela noite, ergue suas folhinhas mais verdes e mais belas, à essa hora mágica em que toda a criação louva ao Senhor, e que o coração sente que nasceu para amar, a donzela, procurando fugir a suas meditações, saía a respirar a pureza da aragem matutina. (REIS, 2018, p. 30-31).

Outra característica que se destaca constantemente no romance é o intenso apelo religioso que o perpassa, seja ao evocar Deus na natureza, seja ao usar a religião como forma de condenar a prática da escravidão, pois, segundo Duarte (2013): “O texto de *Úrsula* se apropria do discurso judaico-cristão a fim de condenar o escravismo [...]” (p.149). Os seguintes excertos comprovam a presença desse aspecto:

O campo, o mar, a abóbada celeste ensinam a adorar o supremo Autor da natureza e a bendizer-lhe a mão; porque é generosa, sábia e providente. Eu amo a solidão; porque a voz do Senhor aí impera; porque aí despese-nos o coração do orgulho da sociedade, que o embota, que o apodrece, e livre dessa vergonhosa cadeia, volve a Deus e o busca – e o encontra; porque com o dom da ubiquidade Ele aí está! (REIS, 2018, p. 15).

Senhor Deus! Quando calará no peito do homem a tua sublime máxima – ama a teu próximo como a ti mesmo –, e deixará de oprimir com tão repreensível injustiça ao seu semelhante!... Àquele que também era livre no seu país... Àquele que é seu irmão? (ibidem, p. 18).

Por último, destacamos o subjetivismo e sentimentalismo, que podem ser exemplificados no fragmento abaixo:

— Cumpre que vos confesse como a amava... [...] Oh! Amava-a como o cativo ama a liberdade, como o ébrio o vício que o mata; seguia-a como o colibri as flores, como a bússola o Norte, como o fiel lebréu a seu dono: era uma paixão que me prendia o coração e os sentidos, era um frenesi, um delírio próximo da loucura perene. Tudo ela destruiu em um momento, como a criança o brinco, cujo valor não sabe!... Via-a na escuridade da noite, no cair da tarde; via-a na erva do prado, no cálice de uma flor, no firmamento entre as estrelas mais brilhantes, [...] E eu gemia de amor, e de saudades, e amaldiçoando a separação; porque esse afeto, que me escaldava e se apossara de

todo o meu ser, julgava-o igual e tão intenso no seu peito. Engano, engano fatal!... (ibidem, p. 37).

Neste trecho, o sentimentalismo é perceptível ao observarmos a forma que o personagem expõe os sentimentos que possui em relação à mulher amada, descrevendo esse amor de forma exagerada ao compará-lo com “um cativo que anseia pela liberdade” e a outros elementos intensos. O subjetivismo está presente na descrição desse sentimento como algo que preenche os seus sentidos e a sua mente; o personagem caracteriza esse amor como uma experiência que faz com que a sua visão de mundo gire totalmente em torno dele e da mulher amada.

Conforme aponta Nascimento (2008) “*Úrsula* aparece como o único romance romântico brasileiro do século XIX que se solidariza criticamente com a originalidade literária por unir estética e ideologia na elaboração de suas personagens [...]” (p. 7), ou seja, Maria Firmina dos Reis utiliza diversas características do Romantismo para a construção do livro, mas ao mesmo tempo foge do padrão da época, visto que os autores do período não estavam preocupados em tratar de questões sociais:

Toda a estética do romance de Maria Firmina dos Reis manifesta a abundância sintagmática própria do Romantismo brasileiro, mas seus elementos característicos funcionam como camuflagem para o propósito ideológico da narrativa, funcionam como elementos determinantes da forma da obra (EIKENBAUM: 1973, p. 157) que dão força à construção das personagens, ao encadeamento da trama narrativa, de modo que o enredo passa a ser pouco significativo, cedendo lugar à trama que reduz o tom panfletário tipificado esteticamente com o princípio da subjetividade intrínseca (HEGEL: 1972, p. 169) gerador do mergulho revolucionário romântico. A trama da narrativa ultrapassa o enredo ingênuo, pois se organiza na distribuição das falas dos oprimidos, e na destruição propriamente simbólica do poder mandonista, que pela força da imaginação romântica se torna descentrado tanto cultural quanto literariamente. (ibidem, p. 8).

Pode-se concluir que, embora a produção literária de Maria Firmina dos Reis tenha surgido no período romântico, a escritora se diferencia dos demais autores da época por utilizar os elementos do Romantismo como pontos de partida para realizar o seu propósito: dar voz a temáticas sociais, conforme veremos com mais detalhes a seguir.

4.2 *Úrsula*

Agora entraremos no romance *Úrsula*, publicado por Maria Firmina dos Reis com o pseudônimo de “Uma maranhense” no ano de 1859 pela Tipografia do progresso de São Luís

do Maranhão. De acordo com um fragmento retirado de uma crítica disponível no Literafro, o portal da literatura afro-brasileira da Universidade Federal de Minas Gerais:

O ano de publicação do romance, 1859, é palco de muitos acontecimentos na história literária feminina. Em meados do século XIX, poucas eram as mulheres educadas e, esta minoria via na literatura uma forma de ressaltar sua importância na sociedade. [...] Neste contexto, o romance de Maria Firmina ganha relevância, pois, mesmo com todas estas barreiras, a autora lança o livro, cujo enredo inclui assuntos considerados polêmicos e proibitivos para a época e, por meio dele, intenciona propagar a produção literária feminina. (não paginado)

Posteriormente, várias edições do romance foram publicadas por diferentes editoras; ressalto aqui duas que merecem destaque por serem digitais e gratuitas, estimulando e democratizando o acesso à produção completa de Maria Firmina dos Reis. São elas: *Úrsula* (2017)¹³, pela editora Cadernos Do Mundo Inteiro, e *Úrsula e outras obras* (2018)¹⁴, pela editora Edições Câmara.

Logo no prólogo do romance, nos deparamos com a seguinte passagem:

Mesquinho e humilde livro é este que vos apresento, leitor. Sei que passará entre o indiferentismo glacial de uns e o riso mofador de outros, e ainda assim o dou a lume. [...] **Sei que pouco vale este romance, porque escrito por uma mulher, e mulher brasileira**, de educação acanhada e sem o trato e conversação dos homens ilustrados [...]” (1859, p. 47, grifo nosso).

Nesse trecho, Maria Firmina dos Reis demonstra que reconhece que, devido à sua condição social e ao fato de ser uma mulher, possuía uma desvantagem significativa na sociedade do século XIX, na qual as mulheres enfrentavam diversas restrições. Sendo assim, podemos dizer que a autora estava ciente das desigualdades e dos preconceitos sociais do século XIX, e esta pequena passagem antecipa possíveis críticas e julgamentos que o seu romance poderia sofrer. Para exemplificar, trazemos este fragmento de *Literatura negro-brasileira*, no qual Cuti aponta que:

Escritores negros sempre tiveram de contar, como qualquer outro artista, com a recepção branca. Ora, se o escritor conhece a concepção de raça que predomina na sociedade (no Brasil, a ideia de que não há discriminação racial, ou quando muito apenas um “racismo cordial”), procurará não ferir a expectativa literária para não comprometer o sucesso de seu trabalho. (2010, p. 27).

¹³ A 1ª edição (2017) não se encontra disponível, apenas a 2ª, publicada em 2018. Segundo o site mariafirmina.org.br, a edição de 2017 foi a primeira edição digital e gratuita do romance.

¹⁴ A referenciada edição é composta pelo romance *Úrsula*, pela reunião de poesias que constituem *Cantos à beira-mar*, e pelos contos abolicionista “A escrava” e o indianista “Gupeva”. Essa edição é extremamente importante pois, além de ser digital e gratuita, reúne a obra completa de Maria Firmina dos Reis.

A narrativa tem início com o capítulo intitulado “Duas almas generosas”, no qual é descrito o encontro entre Túlio e Tancredo, personagens de diferentes origens sociais. Túlio, um cativo negro, salva a vida de Tancredo, um membro de uma família rica.

Servindo como pano de fundo para todas as críticas que veremos nas análises a seguir, temos o romance entre Tancredo e Úrsula. Túlio, que é escravo de Luiza B. - mãe da protagonista do livro - desempenha um papel fundamental na trama ao trazer Tancredo, que se encontrava gravemente ferido, para a casa de Luiza B. Essa introdução acaba por tornar-se o elo que possibilita o nascimento e o crescimento do amor entre Tancredo e Úrsula, o casal protagonista, à medida em que ele recebe os cuidados e a atenção dela.

A personagem que dá nome ao romance é descrita como doce, bela e cheia de compaixão: “Era ela tão caridosa... Tão bela... E tanta compaixão lhe inspirava o sofrimento alheio, que lágrimas de tristeza e de sincero pesar se lhe escaparam dos olhos, negros, formosos, e melancólicos.” (REIS, 1859, p. 24). Úrsula perdeu seu pai quando ainda era criança, e divide a solidão de seus dias com a mãe, uma mulher acamada e doente cuidada pela filha. Apesar de sua posição social e da doença da mãe, a jovem desperta a paixão de Tancredo:

— Úrsula, casto é o meu amor, e se o não fora, por prêmio de tanto desvelo e generosidade, não vo-lo oferecera. [...] Úrsula, apareceste, e espantastes as trevas de tão apurado sofrimento. Fostes o meu anjo salvador. Úrsula, eu vos amo! E se vossa alma simpatizar com a minha, meu coração vos tem escolhido para a companheira dos meus dias. (REIS, 2018, p. 34-35).

No que diz respeito ao seu par romântico, podemos dizer que o personagem Tancredo é descrito como um homem sentimental - em várias passagens do romance o vemos comovido e emocionado por alguma situação¹⁵ - e ao mesmo tempo heróico - visto que ele não mede esforços para ficar junto da mulher amada, enfrentando a ira do pai e do vilão da trama, Fernando P.¹⁶. Dessa forma, a autora cria ainda no século XIX um personagem masculino que destoa do padrão da época. Conforme afirma Oliveira:

¹⁵ As passagens a seguir exemplificam a emotividade do personagem:

— O que sinto por vós – continuou comovido – é veneração, e a mulher a que se venera rende-se um culto de respeitosa adoração, ama-se sem desejos, e nesse amor não entra a satisfação dos sentidos. [...] se vos dignardes ouvir-me, conhecereis que também puras são as minhas intenções, e que o amor que inspirastes é cândido como a vossa alma. (REIS, 2019, p. 34).

— A dor que senti, minha querida Úrsula – prosseguiu o mancebo com voz magoada – não vos poderei exprimir... Ela calou-me até o fundo do coração, e eu gemi de angústia por mim, por minhas esperanças assim cortadas, e por minha mãe desdenhada e aviltada ao último apuro por seu esposo!... Corri para ela chorando: esse choro, que eu não sabia reprimir, arrancava-me o sofrer profundo daquela criatura angélica. (ibidem, p. 44).

¹⁶ Os fragmentos expostos abaixo comprovam a construção heroica do personagem:

O conceito de gênero surge na década de setenta do século seguinte como uma reação a essa visão biologizante e critica o binarismo presente nela. [...] *Úrsula*, apesar de ter sido escrito uma década antes do aparecimento desta discussão e, em alguma medida, possuir uma visão biologizante de homens e mulheres, ao mesmo tempo desestabiliza esse binarismo, ao apresentar um herói que escapa do padrão estabelecido, pois, contrariando as exigências de rigidez e dureza destinadas ao sexo masculino, sensibiliza-se com seu sofrimento e com o alheio, comove-se, chora e até desmaia. Além disso, é Tancredo quem vai denunciar a profunda desigualdade entre homens e mulheres provocada por uma relação conjugal na qual a mulher se tornava refém do homem, ficando sujeita a agressões de toda sorte, inclusive físicas. (2009, p. 87-88).

No terceiro capítulo do romance temos a declaração de amor entre o casal, quando um obstáculo aparece no caminho: o tio de Úrsula, Fernando P., descrito como um homem desprezível, de olhar sinistro, violento e rancoroso. Além de ter cometido o crime de matar o pai de Úrsula no passado, Fernando P. se mostra interessado em casar-se com a própria sobrinha. O personagem também é caracterizado como vilão pela forma com que tratava os indivíduos escravizados por ele:

Ele tornara-se odioso e temível aos seus escravos: nunca fora benigno e generoso para com eles; porém o ódio, e o amor, que lhe torturavam de contínuo, fizeram-no uma fera – um celerado. Nunca mais cansou de duplicar rigores às pobres criaturas, que eram seus escravos! Apraziam-lhe os sofrimentos destes; porque ele também sofria. (REIS, 1859, p. 86)

O comendador P. derramava sem se horrorizar o sangue dos desgraçados negros por uma leve negligência, por uma obrigação mais tibiamente cumprida, por falta de inteligência! E eu sofri com resignação todos os tratamentos que se dava a meus irmãos, e tão rigorosos como os que eles sentiam. E eu também os sofri, como eles, e muitas vezes com a mais cruel injustiça. (ibidem, p. 71).

O clímax da história se desenvolve com a morte da mãe de Úrsula, visto que, sendo agora órfã de pai e mãe, seu mais próximo tutor legal seria Fernando P., que planejava usar de sua autoridade legal para se casar à força com a sobrinha. Aterrorizada, a jovem foge com Tancredo para poderem casar-se, o que culmina em trágicas consequências para o casal protagonista. O tio, enlouquecido de ciúmes, mata Tancredo na noite do seu casamento com Úrsula, o que provoca a loucura e posteriormente o falecimento da jovem.

Após a sucessão de acontecimentos narrada acima, Fernando P. passa por uma transformação carregada de arrependimento e remorso pelo crime cometido: “Na sua desesperação ninguém o consolava; porque era mau e cruel para os que o conheciam. Seus

— Fujamos, Tancredo! Mas, ah! O seu ódio pode seguir-nos por toda a parte.

— Úrsula, o meu braço é bastante forte para defender-te; estás ao abrigo do meu furor. (ibidem, p. 101).

— Úrsula! – exclamou Tancredo de novo cavalgando o seu ginete – Úrsula, só tu compreendeste o meu coração... Deixa vão receios!... Oh! Sossega! Eu te protegerei contra a cega paixão desse louco. (ibidem, p. 103).

escravos olhavam-no pasmo, e não o reconheciam. O remorso o havia completamente desfigurado.” (REIS, 2018, p. 130).

Ao visitar Úrsula no convento em que ela estava, Fernando P. é abordado por um sacerdote, que usa da religião para fazer com que o homem pense em se redimir perante a Deus pelos crimes cometidos:

Assassino de Tancredo, de Túlio, de Paulo, e de Susana! Monstro! Flagelo da humanidade, ainda não saciastes a vossa vingança? Ah! Humilhado e em nome de Deus, pedi-vos mercê para os infelizes, salvação para a vossa alma. Desdenhastes as minhas súplicas!

Orgulhoso e vingativo que sois! E não sentistes que Deus observa os malvados e que os pune ainda na terra.

Em vossa louca e vaidosa ideia, julgastes-vos grande, e esmagastes aos vossos semelhantes que eram fracos, e estavam inermes. [...]

Fernando! Chorai o pranto do arrependimento: sede caritativo e sincero que são vias para a remissão de vossos enormes pecados. Ainda é tempo. Escutai por esta boca impura a voz do Senhor, que na sua extrema bondade talvez vos perdoe. (REIS, 2018, p. 132-133).

Fernando P. segue o conselho do sacerdote, liberta os seus escravos e recolhe-se em um convento antes de sua morte. Esse final faz com que o romance provoque emoções intensas e levante questões profundas sobre a sociedade e a humanidade.

Dessa forma, o livro não segue a ideia de final feliz e se aproxima de um romance gótico e trágico, pois, conforme afirmam Ana Paula Araújo dos Santos e Júlio França (2017):

Em sua narrativa, as convenções da poética gótica são utilizadas principalmente para destacar situações de violência física e psicológica perpetradas pelos personagens vilanescos contra os escravos e contra as personagens femininas da trama. [...] Úrsula realiza-se como um romance gótico em sua totalidade, e pode ser considerado exemplo, em nossa literatura, do gótico feminino (SANTOS, 2017b), termo que nomeia o conjunto de obras escritas por autores que utilizaram as convenções góticas como um mecanismo para explorar, na ficção, as insatisfações, ansiedades e conflitos vivenciados pela mulher em um mundo dominado por valores patriarcais. (p. 90).

Aparentemente, é uma clássica história de amor impossível: um jovem casal que enfrenta várias adversidades para ficar juntos, assim como muitos romances escritos no século XIX¹⁷. Porém, logo se nota que as preocupações presentes em *Úrsula* são outras; o livro destoa do padrão comum à época principalmente pelo modo como mulheres e negros são representados, conforme veremos no próximo tópico.

¹⁷ Cito como exemplo *Lucíola* (1862), *Inocência*, (1872) e *Senhora* (1874).

4.3 Peculiaridades do romance: a construção de Túlio, Susana e Antero

O romance *Úrsula*, apesar de ter sido escrito em um período no qual o nacionalismo era intenso, não segue o padrão típico do Romantismo, ele “vai destoar da literatura produzida na época [...] pois o foco narrativo está comprometido com o ser mulher e o ser negro, então excluídos da comunidade nacional.” (OLIVEIRA, 2007, p. 42). O que temos neste livro é um verdadeiro passo dado por Maria Firmina dos Reis à frente do seu tempo, visto que, seguindo os princípios de Eduardo de Assis Duarte no posfácio da edição de *Úrsula* publicada em 2017 pela Editora PUC Minas:

Publicado há mais de século e meio, mas nem assim lembrado pelos manuais de nossa historiografia literária, o romance se destaca pela contundência com que expõe os métodos de abordagem daqueles que transformam seres humanos em mercadoria e força de trabalho submissa. A diegese, o tom, e a própria escolha vocabular explicitam a perspectiva autoral, identificada aos sofrimentos das vítimas. (2017, p. 220).

Dessa forma, a autora trata de questões sociais, raciais e de gênero de uma maneira que confrontava o padrão dos romances da época. Neste tópico, examinaremos como essa particularidade se apresenta no livro, mais especificamente na construção das personagens negras e nas relações que elas desenvolvem ao longo da narrativa.

Inicialmente temos Túlio, o primeiro personagem negro introduzido no romance. A sua apresentação ocorre da seguinte forma: “Nesse comenos alguém despontou longe, como se fora um ponto negro no extremo horizonte. Esse alguém, que pouco e pouco avultava, era um homem, e mais tarde suas formas já melhor se distinguiam.” (REIS, 2018, p. 18). É interessante observar a forma com que Reis introduz o personagem na narrativa: “Ao descrever o ponto negro como um homem, antes de dizer que o mesmo era um escravo, Firmina humaniza o ser escravizado.” (DA SILVA; FERNANDEZ, 2020, p. 6).

Ademais, a forma singular como é abordado a relação de amizade entre entre Túlio e Tancredo também merece atenção; no primeiro capítulo intitulado “Duas almas generosas”, a autora enfatiza que, apesar das diferenças evidentes, ambos compartilham um espírito bondoso e compassivo:

[...] o cavaleiro começava a coordenar suas ideias, e as expressões do escravo, e os serviços que lhe prestara, tocaram-lhe o mais fundo do coração. É que em seu coração ardiavam sentimentos tão nobres e generosos como os que animavam a alma do jovem negro: por isso, num transporte de íntima e generosa gratidão, o mancebo, arrancando a luva que lhe calçava a destra, estendeu a mão ao homem que o salvara. (REIS, 2018, p. 20).

O encontro destes dois personagens estabelece um importante tema no romance: a ideia de que a humanidade e a bondade transcendem barreiras sociais e raciais: “Ao propor tal cena, Maria Firmina dos Reis coloca o elemento servil em pé de igualdade com o homem branco, situando ambos em um mesmo estatuto discursivo.” (ZIN, 2016, p. 52).

Neste capítulo temos também a primeira demonstração de Maria Firmina dos Reis contra a escravidão:

O sangue africano fervia-lhe nas veias; o mísero ligava-se à odiosa cadeia da escravidão;[...] E o mísero sofria; porque era escravo, **e a escravidão não lhe embrutecera a alma**; porque **os sentimentos generosos, que Deus lhe implantou no coração, permaneciam intactos e puros como a sua alma**. Era infeliz, **mas era virtuoso**; e por isso seu coração enterneceu-se em presença da dolorosa cena, que se lhe ofereceu à vista. (REIS, 1859, p. 18-19, grifo nosso).

Mesmo Túlio sendo um indivíduo escravizado que sofre na pele as desumanidades do cativo, ele ainda se mostra um ser “de alma pura”. A construção de Túlio - e dos outros personagens negros, como veremos a seguir - irá destoar dos estereótipos comuns e que foram apresentados em outros romances do século XIX¹⁸, visto que autora constrói os personagens negros com base em preceitos éticos e morais do cristianismo:

Ressalte-se de início que não se trata de condenar a escravidão unicamente porque um escravo específico possui um caráter elevado, como se pode ler em narrativas abolicionistas da época, brasileiras e estrangeiras. Trata-se de condenar a escravidão enquanto sistema que afronta a religião e a moral. E a autora o faz partir do próprio discurso oriundo da hegemonia branca. Se pensarmos em termos do longínquo ano de 1859 e da longínqua província do Maranhão, poderemos aquilatar o quanto tal postura tem de avançada, num contexto em que o regime escravagista se confundia desde sempre com a própria natureza das coisas e pautava as relações sociais. (DUARTE, 2017, p. 214)

Neste contexto, podemos usar como exemplo o seguinte trecho do livro, no qual a Reis questiona o sistema escravagista e utiliza uma passagem bíblica para destacar a igualdade dos indivíduos, comparando-os a irmãos:

Senhor Deus! Quando calará no peito do homem a tua sublime máxima – **ama a teu próximo como a ti mesmo** –, e deixará de oprimir com tão repreensível injustiça ao seu semelhante!... Àquele que também era livre no seu país... **Àquele que é seu irmão?** (REIS, 2018, p. 18, grifo nosso).

¹⁸ Conforme já mencionado, citamos como exemplo as personagens negras de *O Cortiço* e *A Escrava Isaura*.

Seguindo o romance, Túlio é questionado sobre como gostaria de ser recompensado por ter salvado a vida de Tancredo, e ele expressa um único desejo: que os escravos que cruzarem o caminho do jovem rico sejam tratados com respeito e dignidade, assim como ele foi. A resposta de Túlio indica a sua natureza altruísta:

— Ah! Meu senhor – exclamou o escravo enternecido – como sois bom! Continuai, eu vo-lo suplico, em nome do serviço que vos presto, e a que tanta importância quereis dar, continuai, pelo céu, a ser generoso e compassivo para com todo aquele que, como eu, tiver a desventura de ser vil e miserável escravo! Costumados como estamos ao rigoroso desprezo dos brancos, quanto nos será doce vos encontrarmos no meio das nossas dores! Se todos eles, meu senhor, se assemelhassem a vós, por certo mais suave nos seria a escravidão. (REIS, 1859, p. 22).

Tancredo não só concorda com o pedido de Túlio, como também demonstra se sentir incomodado com a injustiça que os escravos sofrem. Mais do que gratidão, Tancredo decide conceder a Túlio sua liberdade. Esse ato simboliza a conexão profunda que se forma entre os dois personagens, independentemente de suas origens sociais e raciais, o que era um feito quase irrealizável para a época:

— Cala-te, oh! Pelo céu, cala-te, meu pobre Túlio – interrompeu o jovem cavaleiro – dia virá em que os homens reconheçam que são todos irmãos. Túlio, meu amigo, eu avalio a grandeza de dores sem lenitivo que te borbulha na alma, compreendo tua amargura, e amaldiçoo em teu nome ao primeiro homem que escravizou a seu semelhante. (REIS, 2018, p. 21).

À medida que a narrativa avança, Túlio evolui para além de sua representação inicial como um personagem altruísta: ele se transforma em uma voz de denúncia, revelando as profundas injustiças que permeiam a sociedade da época. Dessa forma, Túlio assume a função de transmissor ao servir de ouvinte das histórias carregadas de sofrimento dos outros personagens submetidos ao cativeiro, Susana e Antero. Tais personagens, junto com Túlio, compõem o cenário complexo da escravidão representado no romance, o que contribui para a densidade temática e social do livro.

Junto com Túlio temos a personagem Susana, que também estava subjugada à condição de escravidão sob a autoridade de Luiza B. A descrição da personagem é feita da seguinte maneira:

E aí havia uma mulher escrava, e negra como ele; mas boa, e compassiva, que lhe serviu de mãe enquanto lhe sorriu essa idade lisonjeira e feliz, única na vida

do homem que se grava no coração com caracteres de amor – única, cuja recordação nos apraz, e em que...¹⁹

Susana, chama-se ela, trajava uma saia de grosseiro tecido de algodão preto, cuja orla chegava-lhe ao meio das pernas magras, e descarnadas como todo o seu corpo: na cabeça tinha cingido um lenço encarnado e amarelo, que mal lhe ocultava as alvíssimas cãs. (REIS, 2018, p. 67-68).

Ao descrever Susana, a autora transmite a imagem de um indivíduo que, apesar das dificuldades da escravidão e das circunstâncias em que vivia, ainda conseguia manter a bondade e a compaixão - assim como Túlio - visto que o jovem via nela uma figura materna graças ao zelo e ao cuidado que ela tinha com ele. Destacamos também a descrição física da personagem, dado que, conforme aponta Zin:

[...] tal imagem remete o leitor às sensações de sofrimento, angústia, amargura e dor. Afastando-se de eventuais concepções erotizantes, bastante comuns em figuras femininas negras criadas no período, a escritora a apresenta como uma senhora idosa, desprovida de atributos físicos e de maiores qualidades estéticas. (2016, p. 55).

O capítulo IX do romance, intitulado “A preta Susana”, é dedicado inteiramente ao diálogo emblemático entre os dois personagens. Decidido a acompanhar Tancredo, Túlio decide se despedir de Susana. Ao contar a ela que foi alforriado pelo jovem rico como um gesto de gratidão por ter salvado sua vida, Túlio acaba despertando dolorosas memórias em Susana sobre seu país de origem:

— [...] Mãe Susana, graças à generosa alma deste mancebo, sou hoje livre, livre como o pássaro, como as águas; livre como o éreis na vossa pátria. **Estas últimas palavras despertaram no coração da velha escrava uma recordação dolorosa;** soltou um gemido magoado, curvou a fronte para a terra, e com ambas as mãos cobriu os olhos. Túlio olhou-a com interesse; começava a compreender-lhe os pensamentos. [...] — Sim, para que estas lágrimas?!... Dizes bem! Elas são inúteis, meu Deus; mas é um tributo de saudade, que não posso deixar de render a tudo que não posso deixar de render a tudo quanto me foi caro! Liberdade! **Liberdade... ah! Eu a gozei na minha mocidade!** [...] Túlio, meu filho, **ninguém a gozou mais ampla, não houve mulher alguma mais ditosa do que eu.** (REIS, 2018, p. 69, grifos nossos).

Ao narrar sua história, Susana conta como era a vida na África, onde era uma mulher livre que possuía família e amigos; inclusive, conforme aponta Zin, “a velha escravizada [...] ironiza a ‘liberdade’ recebida pelo jovem recém-alforriado, acreditando que esta, por não ser autêntica, acabaria o levando à morte [...]” (2016, p. 55). Maria Firmina dos Reis, com

¹⁹ Segundo a edição consultada para leitura, falta uma linha no original fac-similar.

sensibilidade, também consegue capturar os aspectos emocionais e humanos da vivência de Susana enquanto mulher livre, o que permite que o leitor desenvolva empatia pela personagem:

Tranquila no seio da felicidade, via despontar o sol rutilante e ardente do meu país, e louca de prazer a essa hora matinal, em que tudo aí respira amor, eu corria as descarnadas e arenosas praias, e aí com minhas jovens companheiras, brincando alegres, com o sorriso nos lábios, a paz no coração, divagávamos em busca das mil conchinhas, que bordam as brancas areias daquelas vastas praias. Ah! Meu filho! Mais tarde deram-me em matrimônio a um homem, que amei como a luz dos meus olhos, e como penhor dessa união veio uma filha querida [...] E esse país de minhas afeições, e esse esposo querido, e essa filha tão extremamente amada, ah Túlio! Tudo me obrigaramos bárbaros a deixar! Oh! Tudo, tudo até a própria liberdade! (REIS, 2018, p. 69-70).

Logo após descrever a vida que levava na África, Susana narra os diversos horrores e desumanidades que passou, junto com inúmeros capturados, em sua jornada como escrava em um navio negreiro até o Brasil:

[...] logo dois homens apareceram, e amarraram-me com cordas. Era uma prisioneira – era uma escrava! Foi embalde que supliquei em nome de minha filha, que me restituíssem a liberdade: os bárbaros sorriam-se das minhas lágrimas, e olhavam-me sem compaixão. [...] Meteram-me a mim e a mais trezentos companheiros de infortúnio e de cativo no estreito e infecto porão de um navio. Trinta dias de cruéis tormentos, e de falta absoluta de tudo quanto é mais necessário à vida passamos nessa sepultura até que abordamos às praias brasileiras. Para caber a mercadoria humana no porão fomos amarrados em pé e para que não houvesse receio de revolta, acorrentados como os animais ferozes das nossas matas, que se levam para recreio dos potentados da Europa. Davam-nos a água imunda, podre e dada com mesquinhez, a comida má e ainda mais porca: vimos morrer ao nosso lado muitos companheiros à falta de ar, de alimento e de água. É horrível lembrar que criaturas humanas tratem a seus semelhantes assim e que não lhes doa a consciência de levá-los à sepultura asfixiados e famintos!

Muitos não deixavam chegar esse último extremo – davam-se à morte. Nos dois últimos dias não houve mais alimento. Os mais insofridos entraram a vozear. Grande Deus! Da escotilha lançaram sobre nós água e breu fervendo, que nos escaldou e veio dar a morte aos cabeças do motim. A dor da perda da pátria, dos entes caros, da liberdade foi sufocada nessa viagem pelo horror constante de tamanhas atrocidades. (REIS, 2018, p. 70-71).

Em primeiro lugar, destacamos neste trecho a forma como Maria Firmina dos Reis usa do depoimento de Susana para trazer a ideia de que os “bárbaros” eram os homens que escravizaram, sequestraram e maltrataram seres humanos, e não o povo negro: “Os agentes do ‘comércio nefando’ a serviço dos interesses mercantis e coloniais europeus são prontamente classificados como desumanos num desmascaramento da imagem civilizatória ostentada pelos colonizadores nas narrativas que circulavam [...]” (DUARTE, 2017, p. 220). A autora também mostra um lado diferente da história: as pessoas africanas que foram trazidas ao Brasil na condição de escravizados faziam parte de um país civilizado “em que o individual e o

comunitário se harmonizam, em que a planta se colhe, se casa e se fazem filhos, em que existem valores e sentimentos de família e de pátria.” (ibidem, 220). Além disso, “Ao colocar Susana para rememorar a África e sua liberdade, ela fala da possibilidade dos nativos nascerem livres e que, portanto, a escravidão não era um atributo natural.” (DA SILVA; FERNANDEZ, 2020, p. 9).

Ademais, há outro fator que se destaca no fragmento exposto acima: a minuciosa descrição do navio negreiro, que conforme aponta Duarte (2017) é apresentado detalhadamente e sob a perspectiva do negro pela primeira vez na literatura brasileira. A autora também evoca na narrativa o coletivo ao se referir aos outros sequestrados como “companheiros” e ao narrar o fragmento na 3ª pessoa do plural. “Esse eu negro subjogado logo se transmuta num nós a fim de ampliar a ancoragem histórica do enredo.” (ibidem, p. 222).

Dessa forma, podemos dizer que a história da personagem é uma maneira de representar o processo da diáspora negra: começando com a vida na terra natal enquanto mulher livre, passando pelo relato doloroso do navio, e fazendo o trajeto que tinha como destino a escravidão no Brasil. Conforme apontam da Silva e Fernandez (2020):

Susana funciona como uma espécie de memorialista, tratando do passado ancestral e do movimento de diáspora dos africanos para o Brasil. Ao contrário de Túlio, que pensava a África como um lugar de origem dos seus ancestrais, Suzana é uma negra cativa que passou pelo processo do tráfico negreiro. Por isso, sua fala no romance é eivada de saudade da África e de amargura ao lembrar-se do processo violento que a trouxe ao Brasil. (p. 9).

Antero, por outro lado, representa um outro lado da diáspora africana, abordando as lutas e os desafios enfrentados pelos africanos em solo brasileiro, incluindo o trabalho árduo e o uso da bebida como uma forma de enfrentar as dificuldades da vida como indivíduos escravizados:

— Que conceito? – interrogou o velho desapontado – Que conceito! É o único vício que tenho; e ainda por conservá-lo não prejudiquei ninguém. Que te importa que beba, – acrescentou com voz que queria dizer: não tens coração. — Por ventura pedi-te algum dinheiro para fumo ou cachaça? – e dizendo afagava a cabaça vazia com um desvelo todo paternal, como que arrependido de tê-la desprezado, a ela, a sua companheira constante. (REIS, 2018, p. 121).

Ele aparece brevemente no capítulo XVIII intitulado “A dedicação”, no qual sua apresentação é feita da seguinte forma: “Antero era um escravo velho, que guardava a casa, e cujo maior defeito era a afeição que tinha a todas as bebidas alcoolizadas.” (ibidem, p. 120). O personagem é introduzido na narrativa no momento em que Túlio é capturado e mantido como prisioneiro de Fernando P., o tio de Úrsula. Segundo de Oliveira:

[...] o cativo em idade avançada era destinado a tarefas sem importância ou abandonado nas cidades, pois já não estava em plenas condições laborais. Antero trabalhava como carcereiro, atividade considerada “menor” na economia da sociedade da época, até mesmo entre os cativos. (2019, p. 668).

Apesar deste personagem não ser apresentado positivamente no romance, Antero não é retratado como um vilão, mas como alguém que luta para sobreviver em um ambiente hostil. Ainda conforme de Oliveira:

No jogo entre oposições, as quais rasuram as bases do romantismo nacional, Antero cumpre no livro lugar diametralmente oposto à feição elevada de Túlio. As duas faces – degeneração e caráter – fazem parte da conformação do país, não havendo aqui possibilidade de interpretação entre branco bom em oposição ao negro mau. Antero é bom e mau. Vítima e algoz. Objeto e sujeito da escravização. Símbolo de um enorme coletivo que vive às margens do sistema que ajuda a construir. (ibidem, p. 668).

Outro ponto interessante sobre o personagem é que, assim como Susana, Antero compartilha com Túlio memórias de seu tempo em África:

— Pois bem, – continuou o velho – no meu tempo bebia muitas vezes; embriagava-me, e ninguém me lançava isso em rosto; porque para sustentar meu vício não me faltavam meios. Trabalhava, e trabalhava muito, o dinheiro era meu, não o esmolei. Entendes? [...]
 — Pois ouça-me, senhor conselheiro: na minha terra há um dia em cada semana, que se dedica à festa do fetiche, e nesse dia, como não se trabalha, a gente diverte-se, brinca, e bebe. Oh! Lá então é vinho de palmeira mil vezes melhor que cachaça, e ainda que tiquira. (REIS, 2018, p. 122).

É interessante ressaltar, neste momento, que ao analisar a construção destas personagens - Susana e Antero - percebemos na escrita de Reis uma certa idealização da África, visto que há exaltação dos costumes, dos hábitos e da organização social do referido continente. Maria Firmina dos Reis, diferente dos autores da época, não dá atenção ao passado do Brasil, mas sim ao passado dos escravizados e nas suas vivências enquanto indivíduos livres em seu país de origem. Para realizar este feito, a autora usa Túlio como transmissor; as personagens contam a ele sobre as suas respectivas histórias e memórias, transmitindo oralmente tais costumes e tradições. Filho e Alves (2017) apontam o seguinte:

[...] os povos africanos trazidos para o Brasil, instalaram uma tradição que ainda é preservada e que mantém viva a memória nos antepassados. A tradição oral e sua apropriação, é com isso, uma construção metodológica de difusão e construção do conhecimento de alguns povos. (p. 52).

Conforme já mencionado anteriormente no presente trabalho, Maria Firmina dos Reis teve contato com as tradições e com os costumes do povo africano de forma oral, ao escutar histórias em seu círculo social e familiar. Com base nestas informações, é possível dizer que a autora usa, para a construção do romance e das personagens negras, “[...] uma das principais características que são próprias do continente: a tradição oral. Falar de África é falar de um povo que construiu seu legado a partir da oralidade [...]” (FILHO, ALVES, p. 53, 2017).

Ressaltamos que Maria Firmina dos Reis habilmente utiliza das personagens Túlio, Susana e Antero para transmitir não apenas a complexidade da escravidão no Brasil, como também as memórias e as tradições do continente africano. Ao dar voz a essas personagens, a autora releva as injustiças sofridas pelos escravizados em um contexto desumano, ao mesmo tempo que dá destaque à diáspora africana e à resistência dessas pessoas que foram trazidas à força para o solo brasileiro. Através de *Úrsula*, Reis desafia estereótipos e idealizações, proporcionando uma representação autêntica e humanizada sob sua perspectiva enquanto mulher negra brasileira inserida na sociedade do século XIX.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Maria Firmina dos Reis emergiu como uma importante voz no cenário literário do século XIX, corajosamente abordando temas complexos que tratavam da questão do negro e da mulher na sociedade da época. Esta atitude se manifestou de maneira marcante ao assumir uma posição firme e decidida contra a escravidão em seus escritos, fornecendo uma voz poderosa aos indivíduos marginalizados e oprimidos pela sociedade. Podemos afirmar que ela dedicou toda a sua vida “[...] ao ensino básico, à criação literária e às campanhas abolicionista e pela conquista dos direitos das mulheres em todo o território nacional.” (ZIN, 2018, p. 246).

Apesar de seu inegável talento e da valiosa contribuição para a literatura, a produção literária de Maria Firmina dos Reis não é mencionada nos manuais da literatura brasileira ao lado dos grandes nomes do Romantismo. Embora a autora tenha obtido um certo reconhecimento em vida, Reis encerrou seus últimos dias pobre e cega, aos 95 anos²⁰, sem deixar um único registro de sua própria aparência. Essa triste narrativa de vida dialoga de forma perturbadoramente similar à de outra figura significativa da literatura brasileira, Carolina Maria

²⁰ Maria Firmina dos Reis faleceu em 1917, na vila de Guimarães, interior do estado do Maranhão, local onde passou a morar a partir dos cinco anos de idade.

de Jesus²¹, que, em condições semelhantes, enfrentou o descaso da crítica literária das últimas décadas. Tal paralelo serve como um exemplo vívido de que a exclusão de Maria Firmina dos Reis da história literária brasileira não é um caso isolado, mas sim parte de um padrão lamentável, que, ao longo dos anos, tem começado a ser desconstruído e desafiado. É notável que mudanças substanciais estão ocorrendo neste sentido, graças aos esforços de inúmeros pesquisadores e pesquisadoras comprometidos em retificar as injustiças do passado e em trazer o devido reconhecimento a autoras importantes e valiosas. Rodrigues (2021) aponta que:

Maria Firmina dos Reis produziu na mesma época dos escritores românticos, mas não ocupou espaços nas academias literárias; Carolina Maria de Jesus, viveu no auge do Pós-Modernismo, mas sequer foi aceita como escritora na época. Por isso, a literatura vem há algumas décadas corrigindo esse erro, e assim, essas mulheres são resgatadas e saem das estatísticas do apagamento das produções artísticas e científicas de autoria feminina. Com isso, temos produções literárias com vozes de autoras-mulheres que nos mostram qual o lugar da escrita feminina e como de fato essas histórias podem ser contadas. (p. 14)

Além disso, é importante ressaltar que os aspectos sociais que permearam a vida de Maria Firmina dos Reis exerceram um profundo impacto em seus escritos, contribuindo significativamente para a perspectiva abolicionista que permeia sua obra. Esse comprometimento social, entrelaçado com o potencial de resistência da escrita, resultou na construção de personagens negras em *Úrsula* que não apenas possuem voz e presença, mas também apresentam um aspecto do ser negro anterior à escravidão.

Conforme mostramos neste trabalho, a autora constrói o romance com diversos aspectos do Romantismo, ao mesmo tempo que desafia as convenções do período ao destacar questões sociais, raciais e de gênero. Em primeiro lugar, a autora emprega a religião como uma ferramenta para condenar a instituição da escravidão e evidenciar princípios éticos religiosos, visto que o livro apresenta personagens negros que são construídos com base em preceitos cristãos. Essa característica em particular oferece uma visão humanizada daqueles que sofriam nas mãos do sistema escravagista, além de questionar esse sistema com base em passagens bíblicas que enfatizam a igualdade entre os indivíduos. Por meio desses elementos religiosos, Maria Firmina dos Reis avança em sua postura ao condenar a escravidão dentro de um contexto em que o regime escravagista era amplamente aceito e estruturava as relações sociais. Além

²¹ Nascida em 1914, Carolina Maria de Jesus foi uma importante escritora brasileira do século XX: “Mulher negra, pobre, mãe de três filhos, catadora de papel, estudou somente até o segundo ano do ensino fundamental e vivenciou a dura experiência de morar na primeira favela de São Paulo, a Canindé.” (RODRIGUES, 2021, p. 11-12). É conhecida principalmente pelo seu livro de lançamento, *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* (1960). Infelizmente, assim como Maria Firmina dos Reis, morreu pobre e sem o reconhecimento que merecia. Na época em que viveu, nem mesmo era reconhecida como escritora por muitos críticos.

disso, ela emprega diálogos religiosos para conduzir personagens a questionar e refletir sobre seus atos, oferecendo oportunidades de redenção e perdão através da fé.

Em relação aos personagens negros, a autora cria identidades próprias e dá voz a indivíduos marginalizados; ela introduz Túlio como o primeiro personagem negro, humanizando-o antes de identificá-lo como escravizado, além de trazer a amizade entre ele e Tancredo para enfatizar a igualdade de sentimentos nobres que ultrapassam as barreiras étnico-raciais. Ao construir a personagem Susana, que compartilha memórias de sua vida livre em seu país de origem e as atrocidades sofridas como escravizada, a autora apresenta a África como um lugar de pessoas livres, questionando a ideia de que a escravidão era inerente a esses indivíduos. Antero, um escravo idoso, é apresentado como alguém que enfrenta as dificuldades da escravidão usando do vício como modo de escape. Esses personagens não só transmitem memórias e tradições africanas por meio da tradição oral, como também demonstram a habilidade de Reis em construir uma notável diversidade de personagens negras no romance, cujas características são apresentadas de forma complexa e longe de estereótipos. A autora habilmente humaniza seus personagens, demonstrando a riqueza das experiências individuais independentemente da origem étnica e proporcionando uma representação multifacetada de pessoas negras na narrativa.

Com base em toda a pesquisa que compõe o presente trabalho, podemos concluir que Maria Firmina dos Reis usa a construção de personagens em *Úrsula* para transmitir suas mensagens sociais e raciais e destacar a cultura, as tradições e as vivências em África, ao mesmo tempo que humaniza as suas personagens e as suas lutas. Para alcançar esse feito notável, Reis habilmente utiliza o Romantismo como um veículo para as suas convicções, demonstrando um talento excepcional e uma perspectiva única e pioneira.

Como resultado, esperamos que este trabalho contribua para reiterar a importância da permanente revisão do cânone, já que a postura revisionista permite que o projeto identitário da literatura romântica brasileira seja reavaliado e ressignificado, promovendo uma valorização profunda e inclusiva da contribuição de autoras como Maria Firmina dos Reis e, conseqüentemente, uma compreensão mais abrangente da riqueza e da complexidade da literatura brasileira.

REFERÊNCIAS

BLAKE, Augusto Victorino Sacramento. **Dicionário bibliográfico brasileiro**. v. 6. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1900. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/item/id/221681>. Acesso em: 7 de set. 2023.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 50. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1970.

CANDIDO, Antonio. **Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos**. 9. ed. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Ltda, 2000.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 9. ed. Rio de Janeiro: Editora Ouro sobre azul, 2006.

CUTI. **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro Edições, 2010.

DA SILVA, Regia Agostinho; FERNANDEZ, Raffaella Andréa. Maria Firmina dos Reis: intérprete do Brasil. **Letrônica**, v. 13, n. 1, p. e35105-e35105, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1984-4301.2020.1.35105> Acesso em: 24 de set. 2023.

DE ALENCAR, José. **Lucíola**. São Paulo: Editora FTD, 2011.

DE ALENCAR, José. **Senhora**. [recurso eletrônico] Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2020. (Série Prazer de ler; n. 15 e-book). Disponível em: livraria.camara.leg.br/senhora Acesso em: 20 de set. 2023.

DE JESUS, Carolina Maria. **Quarto de Despejo**. Diário de uma favelada. São Paulo: Ática, 2020.

DE HOLANDA, Sérgio Buarque. **Raízes do Brasil**. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

DE OLIVEIRA, Adriana Barbosa. **Gênero e etnicidade no romance Úrsula, de Maria Firmina dos Reis**. 2007. Dissertação (Mestrado em Letras: Literatura Brasileira) – Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, 2007. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/ECAP-73WGED> Acesso em: 01 de nov. 2023.

DE OLIVEIRA, Luiz Henrique Silva. A razão negra e o projeto romântico: dupla face do romance Úrsula (1859), de Maria Firmina dos Reis. **Matraga - Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ**, v. 26, n. 48, p. 654-671, 2019. Disponível em: <https://orcid.org/0000-0003-1287-5317> Acesso em: 24 de set. 2023.

DE TAUNAY, Visconde. **Inocência**. São Paulo: Editora FTD, 2011.

DO NASCIMENTO, Juliano Carrupt. **O romance Úrsula de Maria Firmina dos Reis: estética e ideologia no Romantismo brasileiro**. 2009. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas: Literatura Brasileira) – Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 2009.

DOS REIS, Maria Firmina. **Úrsula**. [recurso eletrônico] Coleção Acervo Brasileiro. Projeto editorial integral de Eduardo Rodrigues Vianna. Jundiaí: Cadernos do Mundo Inteiro, v. 2, 2018. Disponível em: cadernosdomundointeiro.com.br/livro-ursula.php Acesso em: 24 de set. 2023.

DOS REIS, Maria Firmina. **Úrsula e outras obras**. [recurso eletrônico] Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2018. (Série Prazer de ler; n. 11 e-book). Disponível em: <https://bd.camara.leg.br/bd/handle/bdcamara/35999> Acesso em: 11 de set. 2023.

DUARTE, Eduardo de Assis. O negro na literatura brasileira. **Navegações**, v. 6, n. 2, p. 146-153, 2013.

DUARTE, Eduardo de Assis. Úrsula e a desconstrução da razão negra ocidental. Posfácio. **REIS, Maria Firmina dos. Úrsula: romance; A escrava: conto**, 6. ed. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2017.

FILHO, Domício Proença. A trajetória do negro na literatura brasileira. **Estudos avançados**, v. 18, p. 161-193, 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-40142004000100017> Acesso em: 24 de set. 2023.

FILHO, Eudaldo Francisco dos Santos; ALVES, Janaína Bastos. A tradição oral para povos africanos e afrobrasileiros: relevância da palavra. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, v. 9, p. 50-76, 2017. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/464> Acesso em: 01 de nov. 2023.

FILHO, Nascimento Moraes. **Maria Firmina: fragmentos de uma vida**. Maranhão: Editora Imprensa do Governo do Maranhão, 1975.

FRANÇA, Júlio; DOS SANTOS, Ana Paula Araujo. O páter-famílias como vilão gótico em Úrsula, de Maria Firmina dos Reis. **Soletras**, n. 34, p. 87-100, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/soletras.2017.30159> Acesso em: 24 de set. 2023.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

LOBO, Luiza. **Autorretrato de um Pioneira Abolicionista**. In: *Crítica sem juízo*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1993.

MACHADO, Maria Helena Pereira Toledo. Maria Firmina dos Reis: escrita íntima na construção do si mesmo. **Estudos Avançados**, v. 33, p. 91-108, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0103-4014.2019.3396.0007> Acesso em: 24 de set. 2023.

MUZART, Zahidé Lupinacci (Org). **Escritoras Brasileiras do Século XIX**: Antologia. Editora Mulheres/Edunisc, 2000.

MUZART, Zahidé Lupinacci. Uma Pioneira: Maria Firmina dos Reis. **Muitas Vozes**, v. 2, n. 2, p. 247-260, 2013. Disponível em: https://revistas.uepg.br/index.php/muitasvozes/article/view/6400/pdf_146 Acesso em: 24 de set. 2023.

PEREIRA, Danglei de Castro. Maria Firmina dos Reis: uma voz em conflito. REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula e outras obras**. [recurso eletrônico] Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, p. 7-10, 2018. (Série Prazer de ler; n. 11 e-book). Disponível em: <https://bd.camara.leg.br/bd/handle/bdcamara/35999> Acesso em: 01 de nov. 2023.

RODRIGUES, Daiane de Moura. Teto de vidro: desconstrução dos discursos silenciados e autoria feminina negra em Carolina Maria de Jesus e Maria Firmina dos Reis. **Revista Coletivo SECONBA**, v. 5, n. 1, p. 4-18, 2021.

SCHMIDT, Rita. Centro e margens: notas sobre a historiografia literária. **Estudos de literatura brasileira contemporânea**, n. 32, p. 127-141, 2008.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. **LITERAFRO, o portal da literatura afro-brasileira**. Minas Gerais, MG: UFMG, 2017. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/29-critica-de-autores-feminios/320-maria-firmina-dos-reis-150-anos-de-pura-ousadia-critica> Acesso em: 11 de nov. 2023.

ZIN, Rafael Balseiro. A dissonante representação imagética de Maria Firmina dos Reis: da simples denúncia às formas encontradas para se desfazer os equívocos. **Estudos Linguísticos e Literários**, Salvador, n. 59, p. 237-261, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.9771/ell.v0i59.28915> Acesso em: 03 de nov. 2023.

ZIN, Rafael Balseiro. A dissonante representação pictórica de escritoras negras no Brasil: o caso de Maria Firmina dos Reis (1825-1917). **Revista do Centro de Pesquisa e Formação**, São Paulo, n. 03, p. 83-101, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.9771/ell.v0i59.28915> Acesso em: 24 de set. 2023.

ZIN, Rafael Balseiro. **Maria Firmina dos Reis: a trajetória intelectual de uma escritora afrodescendente no Brasil oitocentista**. 2016. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP, 2016. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/19479> Acesso em: 01 de nov. 2023.

ANEXOS

ANEXO A – Pintura a óleo sobre tela do artista plástico maranhense Luzinei Araújo, feita entre 2019 e 2020 e pertencente ao Instituto Histórico Artístico e Geográfico de Guimarães - MA.

